

OS SENTIDOS COMO PORTAS DE ACESSO AO SER, SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO.

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: O ser é acessível à razão. Não é contrária à razão a capacidade de conhecer o ser. Nossa intenção neste artigo é apresentar brevemente uma síntese sobre a doutrina da *sensação* em Tomás de Aquino. Sua doutrina, além de atual, oferece uma inovação perene e tem sido freqüentemente retomada por diferentes setores da filosofia e da teologia contemporâneas.

Palavras-chave: Teoria do Conhecimento, Gnosiologia, Tomismo, Tomás de Aquino, sensação.

Abstract: The being is accessible to reason. It is not contrary to reason the capacity to know the being. Our intention in this article is to present briefly a synthesis on the doctrine of the *sensation* in Thomas Aquinas. His doctrine, besides the present one, offers a continuous innovation and has been frequently reread by different philosophy and theology contemporary sectors.

Keywords: Theory of Knowledge, Gnosiology, Thomism, Thomas Aquinas, sensation.

1. INTRODUÇÃO.

O homem deve ser dito *sapiens* não por possuir em si a sabedoria, mas antes pela inclinação natural que possui a ela. O que define esta orientação à sabedoria é o princípio que o norteia e que a tradição denominou ‘razão’. Daí que a tradicional definição do homem ‘como animal racional mortal’¹ está plenamente de acordo, guardada aquelas ponderações, com sua denominação *sapiens*.

O grande segredo está na palavra ‘racional’. O termo ‘racional’ nomeia no homem aquilo que lhe é próprio e possibilita-o ser titulado *sapiens*. A experiência nos ensina que o homem é ser corpóreo, no sentido de que possui um corpo, embora o que ele seja não é unicamente o que é seu corpo.

Todo trabalho de Aristóteles no *De anima* foi demonstrar que a razão não é um órgão do corpo. Identificá-la com o cérebro não explicaria, por exemplo, sua operação mais nobre que é a de conceber idéias abstratas e relacioná-las entre si. De um modo simples e ao mesmo tempo profundo, pode-se dizer que a razão não é corpo, mas depende de um órgão do corpo no qual ela exista para manifestar sua operação.

¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 29, a.4, ad2.

Neste aspecto o nome 'homem' se aplica não somente ao racional, mas a tudo o que ele é, ou seja, à alma racional e ao corpo². Diz-se, portanto, ser o homem uma substância composta de duas outras substâncias incompletas em si mesmas, cuja completude advém com a união de ambas: a substância alma racional e a substância corpo³. Aqui não cabe lugar para o dualismo cartesiano, porque a união de corpo e alma é dual, mas não dualista.

Do mesmo modo, não há o privilégio de um sobre o outro, ou seja, do corpo sobre a alma, como algumas filosofias do corpo de corte existencialista propõem, nem da alma sobre o corpo, como algumas filosofias de corte espiritualista, igualmente defendem. Daí que é sempre atual recordar que para o Aquinate é relevante frisar que a substância humana só é completa enquanto alma e corpo se encontram unidos, pois a alma humana é mais completa e perfeita quando unida ao corpo do que separada dele⁴.

De fato, a alma racional é o primeiro ato de ser e primeiro princípio de vida⁵ do corpo fisicamente organizado, que tem a potência de viver⁶. Mas a alma intelectual, cuja origem é por criação⁷, só é primeiro princípio de vida do corpo complexo e organizado⁸, enquanto nele causa a vida.

Neste sentido, o corpo a que se une a alma intelectual, por infusão, quando este está disposto⁹, deve ser um corpo misto gerado, com adequada complexidade¹⁰. Ora, a alma racional é o que determina, no corpo, a perfeição própria do homem: o ser, que é vida. Portanto, toda capacidade e, mais especificamente, a potência cognitiva, emana, originalmente, da alma racional¹¹.

2. AS CAPACIDADES COGNOSCITIVAS: INTELECTIVA E SENSITIVA.

Como dissemos, a alma racional é uma substância de natureza espiritual, ou seja, de origem por criação divina, princípio de vida do corpo organicamente disposto, do qual é forma e princípio de operação. É a alma, enquanto forma do corpo, que causa vida e operação no corpo. Ora, à vida principada no corpo seguem-se as operações que a alma racional lhe causa.

² TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 22, a.2, c.

³ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 75, a.4, ad1.

⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Sent.* d. 49, q. 1, a. 4, qc. 1, c.

⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 75, a. 1, c; *De anima*, a. 1, ad 15.

⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *CG*, II, c. 61.

⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.* d. 17, q. 2, a. 2, ad. 3.

⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.* d. 19, q. 1, a. 4, ad. 1.

⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De veritate*, q. 12, a. 3, c.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 76, a. 5, c.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*, I, q. 77, a. 6, c.

Destas operações, algumas são propriamente da alma e não dependem do corpo e, por esse motivo, diz-se que a alma, nisto que lhe é próprio, é *autônoma* e *subsistente*, pois não depende necessariamente de algum órgão corpóreo para operar como, por exemplo, por aquelas operações ditas intelectivas. Será em razão da nobreza desta operação superior, independente da matéria, que se dirá a alma racional ser algo imaterial incorruptível e subsistente.

Há outras operações da alma racional que dependem necessariamente de um órgão corpóreo, como as operações da potência sensitiva, que envolvem os órgãos dos sentidos. E porque dependem de órgãos dos sentidos, não são operações imateriais e subsistentes em si mesmas, mas operações de algum sujeito material. Ora, sendo a alma racional uma substância que em sua união com o corpo opera de muitos modos, segundo a natureza dos objetos que lhe afetam, podemos dizer que a alma racional possui muitos modos de proceder e também ela possui muitas capacidades, as que aqui denominamos *potências da alma*.

Por *potência* entende-se, aqui, o princípio da ação, do agir e do operar¹². As potências da alma são, pois, as capacidades que a alma racional tem para, por meio delas, atingir a perfeição de sua própria natureza. Aqui, natureza é tomada como o princípio intrínseco do movimento de algo¹³. Ora, se as potências são ditas da alma – que é ser e vida – segue-se que elas mesmas são capacidades que expressam o ser e a vida da alma.

Desta maneira, a natureza das potências da alma é, pois, também, ser e vida, já que ser e vida são os princípios intrínsecos do movimento da alma e de suas potências. Sabe-se que, no contexto da gnosiologia tomasiana, dentre as partes da alma humana, só o intelecto é incorruptível¹⁴. Sendo assim, as potências cognitivas que emanam dela são, também, incorruptíveis, ou seja, imateriais. Mas, isso não significa que todas elas por serem imateriais, não necessitem operar por meio de algum órgão corpóreo.

Há algumas, dentre elas, que mesmo sendo imateriais, só operam mediante o corpo e enquanto a alma permanece unida ao corpo. Ora, vimos até aqui, que a alma racional é uma natureza substancial que possui capacidades de realizar a sua natureza por operações. Sendo assim, a natureza da alma racional não opera por si mesma, senão por meio de sua potência de operar.

¹² TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I-II, q. 55, a. 2, c.

¹³ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* III, q. 2, a. 1, c.

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Pphys.* lec. 12, n. 3.

Deste modo, as potências da alma não são a sua natureza, senão aquilo pelo qual a natureza opera¹⁵. Não é contrário à natureza da alma racional afirmar-lhe *potências*, já que sua natureza é ato, mas não um ato acabado, necessário, puro ou absoluto, mas ato criado, contingente e perfectível, que pode e precisa aperfeiçoar-se. E porque precisa atingir a sua própria perfeição, este ato, que ela é, a dispõe, a potencializa para ulteriores atos que a aperfeiçoem. Portanto, ela está em potência para ulteriores atos que a aperfeiçoem.

Por isso, dentre tais potências, algumas existem na alma intelectiva, como em seu sujeito, no intelecto; outras, como a potência sensitiva e tem por sujeito o composto. Disso se segue que, embora as potências sejam da alma, nem todas tem o intelecto, imediatamente, por sujeito¹⁶. Por conseguinte, nem todas as potências da alma racional permanecem na alma separada do corpo, senão, somente, aquela que tem a própria alma intelectiva por sujeito¹⁷.

É óbvio que se ela possuísse em ato a perfeição a que está em potência de adquirir, não teria potências para adquiri-la; justamente por não possuir em ato as perfeições que pode adquirir, ela tem potências que a capacitam adquirirem-nas, por meio de operações que ainda estão por aparecer. E como a alma racional se ordena a muitas coisas e perfeições de que carece, é necessário que haja nela muitas potências¹⁸. Por isso, tantas serão as potências, quantos forem os objetos que, distintos entre si, atualizem alguma perfeição da alma racional¹⁹.

Cabe ressaltar que as potências não são originadas dos objetos, senão da alma intelectiva mesma. Segue-se do anterior que deve haver ordem entre as potências da alma, porque embora sejam muitas as potências, uma única é a alma racional²⁰; daí que de uma potência da alma procede outra, segundo a ordem e a hierarquia que há na alma racional²¹.

3. A POTÊNCIA SENSITIVA EXTERNA: O CONHECIMENTO SENSÍVEL.

O conhecimento sensível é o que resulta imediatamente da ação dos objetos sensíveis externos sobre os sentidos e o inteligível é o que resulta da abstração do conhecimento sensível. Assim, dois são os modos do

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 1, c.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 5, c.

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 8, c.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 2, c.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 3, c.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 4, c.

²¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q. 77, a. 7, c.

conhecimento: um por parte do corpo, a *sensação* e outro por parte da alma, a *abstração*. A *sensação*²² pode ser tomada em duplo sentido: como sinônimo de ‘senso comum’ ou seja, como um dos sentidos internos, como ato comum que unifica o sensível no que sente²³ ou como o padecimento de um estímulo externo ou interno. Trataremos aqui deste último sentido, pois o *sensu commun* é sensação interna que reúne as diversas características apreendidas pelos sentidos como a luz, o som, o odor, o sabor, o calor, a aspereza etc. que de certo modo constituem os efeitos que o ser do objeto produz no sujeito ao serem percebidos ou ao afetarem os sentidos.

A sensação como padecimento é um processo *fisiológico* e *psicológico*. É fisiológico porque é um procedimento pelo qual um estímulo externo (relação entre órgão do sentido e objeto sensível próprio – olho > luz > cor) ou um estímulo interno (imaginação) provoca uma reação específica no órgão do sentido – olho. É psicológico porque igualmente este mesmo processo também provoca uma reação específica na alma do sujeito que a padece, na medida em que produz na própria alma uma *paixão*, emoção, que se caracteriza como uma vivência significativa que mobiliza afetos que podem tanto mover a alma para a busca e posse do objeto que lhe causa prazer ou a evitar ou fugir do objeto que lhe causa dor. Em síntese, *sensação* é o que se produz por parte dos sentidos externos e o nome que se dá ao modo como os sentidos apreendem a forma sensível do objeto sensível externo.

Neste modo, os órgãos dos sentidos retêm, juntamente com a forma sensível, as impressões sensíveis acidentais próprias, como a cor no sentido da visão e os sensíveis acidentais comuns, como a extensão, a altura e a profundidade, que são comuns aos objetos sensíveis de qualquer sentido, pois há também na audição a extensão, a altura e a profundidade. *Sensível* é qualquer apreensão pelos sentidos, de qualquer coisa material, em que se requer um sentido e um órgão do sentido e algo - o intelecto - que os relacione²⁴.

O objeto próprio do conhecimento sensível são os objetos sensíveis externos, cuja finalidade é apreender a forma sensível do objeto sensível externo. Por *abstração* designa-se aqui, uma atividade do intelecto pela qual se considera a forma comum de um objeto separada (abstraída) de sua matéria e de suas condições individuais. Ela é tríplice: da matéria, dos inferiores e dos

²² Não é corrente o uso da palavra latina *sensatio* em Tomás. A palavra *sensus* abarca aqui o sentido de sensação por nós utilizado.

²³ ARISTÓTELES, *De anima*, III, c. 2, 425b 12-26.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 12, a. 2, c.

sentidos²⁵. A abstração da matéria é de quatro modos: matéria sensível, inteligível, comum e individual²⁶. Falaremos primeiramente da sensação e depois, em outro lugar, da abstração ou intelecção.

4. A POTÊNCIA SENSITIVA, OS SENTIDOS EXTERNOS, SEUS OBJETOS E EFEITOS.

§1. O LUGAR DA POTÊNCIA VEGETATIVA ENTRE AS OUTRAS POTÊNCIAS.

Uma vez relatadas as potências gerais da alma racional, analisemos a potência sensitiva. São cinco as potências da alma que permitem a alma humana operar e atualizar suas perfeições: a *potência vegetativa*, a *potência sensitiva*, a *potência apetitiva*, a *potência locomotiva* e a *potência intelectiva*²⁷. Destas cinco, tratemos das três fundamentais: a vegetativa, a sensitiva e a intelectiva, já que a locomotiva inclui-se na sensitiva e intelectiva e a apetitiva na intelectiva.

Cabe começar falando da potência vegetativa. Afirma-se propriamente das espécies vegetais²⁸. Uma pergunta é significativa: há no animais a capacidade vegetativa? A resposta é afirmativa, mas há de considerar as diferenças quanto ao modo e função que elas operam nos vegetais e nos animais. Da mesma maneira cabe a pergunta: há no homem a função vegetativa? Responde-se que sim, mas destacando que esta se realiza de modo diferente do que ocorre nos animais e nos vegetais.

Por que existe a função vegetativa no homem? Toda potência superior contém em si mesma a perfeição da potência inferior, que dela emana. Já vimos que a potência superior no homem é a intelectiva. Ora, a intelectiva que é potência própria do homem, possui em si como perfeição a da potência vegetativa, dado que o homem não sendo puramente espiritual, senão ser que resulta da união de alma e corpo, também apresenta perfeição própria do corpo.

Ora, se a potência vegetativa é potência natural ao vegetal e ao animal²⁹, seria estranho que definíssemos o homem como animal racional se nele não encontrássemos a perfeição do ser animal. Ora, a função vegetativa encontra-se no animal; portanto deve ser prevista também na espécie humana. Segue-se do anterior que se afirmar-mos a existência da potência vegetativa em qualquer corpo animado, afirmaremos nele a existência das funções

²⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Met.* lec. 10, n. 158; *In III Met.* lec. 7, n. 404-405; *In VIII Met.* lec. 1, n. 1683 e *In XII Met.* lec. 2, n. 2426.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Met.* lec. 1; *In XI Met.* lec. 7, n. 2259-2264.

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 78, a. 1, c.

²⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 78, proêmio.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q. 33, a. 1, obj. 4; I, q. 78, a. 2, c.

vegetativas como a *nutrição*, o *crescimento* e a *geração*³⁰. Portanto, deve-se igualmente afirmar que ela exista no homem.

§2. O LUGAR DA POTÊNCIA SENSITIVA ENTRE AS OUTRAS POTÊNCIAS.

A potência sensitiva é uma potência *passiva* cuja natureza é ser modificada por um objeto sensível exterior. Como vimos acima, a potência sensitiva, embora seja potência da alma racional, tem por sujeito o composto de corpo e alma racional e, para tanto, exige, para a sua operação, órgãos dos sentidos externos, pelos quais opere, pois tais órgãos existem em função da potência e não o contrário.

Por tudo isso, a potência sensitiva necessita de órgãos corpóreos externos para *sentir* e *relacionar-se* com os objetos exteriores. Eis, pois, os órgãos dos sentidos externos: *olhos*, *ouvido*, *pele*, *nariz* e *boca*, que se direcionam para o os objetos, na medida em que captam deles seus respectivos objetos sensíveis próprios.

Os *olhos* são órgãos do sentido externo que mais comumente nos informam acerca do mundo que nos rodeia, ou seja, um instrumento da visão³¹, pela qual o homem vê³² a cor, sem o odor do fruto³³. Aristóteles conferiu-lhe certa primazia sobre os demais sentidos. Estes órgãos, nos animais vertebrados, são estruturas complexas localizadas em cavidades ósseas da cabeça. Os antigos metaforicamente denominavam-nos ‘faróis da alma’. Não deixa de ter certo fundamento esta comparação, com a diferença de que os faróis emitem sinais de luz e o olho procura captar tal sinal.

O próprio do olho é captar a luz. A luz é uma radiação eletromagnética de um corpo luminoso que produz no olho uma sensação característica segundo a intensidade desta radiação – a cor. Por *cor* entende-se a sensação produzida no órgão do sentido humano, quando a luz de diferentes comprimentos de onda o atinge³⁴. Denomina-se *visão* a percepção da sensação que informa pela luminosidade a figura, a cor, bem como outras características dos corpos. A diferença fundamental é a que há entre *olhar* e *ver*. O *olhar* é atividade orgânica, mas *ver* é atividade intencional. O corpo olha, mas quem vê é a alma. A filosofia ocidental tem dado supremacia ao sentido da visão. A TV

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 78, a. 2, c.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q. 12, a. 1, obj. 1.

³² TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 75, a. 2, ad. 2.

³³ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 85, a. 2, ad. 2.

³⁴ ISAACS, A. (Dir.). *Dicionário breve de Física*. 1ª. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1996, verbete ‘cor’, p. 92.

é, sem dúvida, um instrumento tecnológico elaborado, sobretudo, para a utilidade dos olhos, a tal ponto que baste olhar, sem a necessidade de ver.

O vício do olhar sem ver é um grande problema da atualidade. As pessoas se olham, mas não se conhecem, porque não se vêem. É verdade que muitas vezes é preferível perceber e não ver. Pelos olhos entram muitas desordens no espírito. Não deixa de ser verdadeiro afirmar que o que os olhos não vêem o coração não sente. No império ocidental da visão, tardou-se a superação da concepção preconceituosa da privação da referida função fisiológica.

O fino raciocínio não depende da capacidade de ver. Depende, sim, muitas vezes da disciplina da visão, ou seja, em não ver, em não captar imagens. O fluxo de imagens e informações que nossa visão recebe faz com que muitos não exercitem o pensamento, o raciocínio. Pensar é quase reproduzir imagens. Não raro, denota-se que o raciocinar por imagens é um recurso apelado, muitas vezes, por indivíduos que motivados pela exuberância da exposição de imagens, inculcada pelo modelo de sociedade vigente, não facilita a abstração.

Uma imagem vale mais do que mil palavras? Depende! Há falsas imagens e elas não substituem mil palavras de verdade. Valem mais mil verdades ditas do que uma mentira vista. É preciso resgatar a função objetiva do olhar, pois a exploração de sua subjetividade, próprio do ‘olhar’ do relativismo cultural, inoculou o vírus do não pensar por abstração, mas por imaginação. Para pensar requer-se, às vezes, fechar os olhos e disciplinar a imaginação e, em outras, abri-los, para ver a verdade.

Como vimos acima, a visão é muito mais do que uma mera sensação. Se sua função fisiológica sempre foi a de informar o dado sensível correlato ao órgão do sentido, sua função gnosiológica atrela-se à sua dimensão moral. Tomás de Aquino explora toda sua dimensão fisiológica, mas não deixa de correlacioná-la à sua dimensão moral. Mais do que a cor, a visão também leva consigo uma *intencionalidade*, com a qual ‘colore’ o que se vê e o que a alma padece³⁵. A intencionalidade do olhar é tão importante quanto seu fisiologismo e colabora eficientemente para a constituição do conhecimento aplicado à dimensão moral da ação humana.

O contraponto que há entre ‘ver’ e ‘silenciar’ é significativo. Tendemos mais ao hábito de ‘ver’ do que ao de ‘escutar’. Preferimos um ao outro, ainda que se saiba que escutar seja sábio! Ensinam alguns que o silêncio é amigo da sabedoria e a disciplina do ouvido. A ciência é muito mais apelativa ao conforto da visão. Contudo, se no campo da ciência a primazia é a visão – a

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q. 12, a. 1, ad. 1.

ponto de reduzir os experimentos físicos ao campo observacional, da ação de observar, do ver – no espiritual o é a escuta.

A escuta é o entender do ouvir. Uma coisa é *ouvir* e outra é *escutar*. Escutar é ouvir com sentido e entendendo o que se ouve. Ouço sons, mas escuto uma melodia. Decifrar o som resulta no escutar. Ouço palavras, mas não as entendo, por isso não as escuto, não as guardo. Só as guardo, quando as entendo. Aí então se revestem de sentido o que ouço.

O próprio do órgão ouvido é captar o *som*. Fisiologicamente falando o som é uma vibração que se propaga num meio elástico com uma frequência e intensidade capaz de ser percebida pelo ouvido, produzindo nele uma sensação característica correlativa à intensidade, por exemplo, o agudo. Portanto, a *audição* é a percepção da sensação que informa pela vibração do som a figura, a extensão do som, bem como outras características produzidas pela vibração dos corpos. Igualmente, há uma dimensão intencional da audição que se incorpora na dimensão gnosiológica do homem. Ocupa um lugar muito especial dentro da mística tomasiana a doutrina do *silêncio*, relacionada à escuta e à oração. Mais do que proferir palavras, o guardião da oração é o silêncio³⁶.

A pele é talvez o sentido da atualidade. Não estou seguro, mas parece que em cada época sobressaiu um órgão do sentido, em razão do predomínio de uma ou de outra filosofia. Claro que para o *empirismo* e *sensualismo* os sentidos nunca estiveram fora de questão. Não obstante, parece mais evidente que as filosofias mais presentes em nossos dias, *hedonismo* e *relativismo*, valorizam bastante este sentido e não raro fundamentam suas explicações em suas próprias ‘peles’. A filosofia tornou-se nestes movimentos coisa de pele. Cada indivíduo tem a sua, com seus contornos e limites. Não há lugar para uma ‘derme’ continua, comum, mas só contígua.

Numa linguagem fisiológica, a pele é um revestimento cutâneo do corpo formado por tecido. É a fronteira orgânica entre o corpo e o mundo. Em razão de envolver todo o corpo, é o órgão mais extenso. É interessante notar, porém, que por meio da pele estamos sempre em contato com o meio que nos circunda. Neste aspecto, a pele difere, por exemplo, do olho, pois com o olho só vejo quando encontro-me com ele aberto. O contato do olho com o mundo pressupõe esta abertura. Mas com relação à pele não é necessária esta

³⁶ Como que brotando do mais íntimo do intelecto, a oração individual não precisa vocalizar-se. Não obstante, mesmo à oração individual pode-se acrescentar a palavra, seja para excitar a devoção interior, seja para a satisfação de uma dívida, mediante tudo o que recebeu de Deus, incluindo a palavra, seja por certa redundância da alma no corpo, causada por uma grande afeição e cumplicidade entre a alegria interior do coração e a exultação exterior pela língua [*STh*. II-II, q. 83, a.12, c].

‘abertura’, pois ela se encontra sempre em contado imediato com algo que a toca, ‘veste’.

O próprio da pele é captar a *superfície* das coisas com as quais ela trava fronteira. Em linguagem física, a superfície é uma extensão tridimensional capaz de ser percebida pelo tato, produzindo na pele a sensação da *figura, consistência, peso, temperatura, aspereza* do objeto. Denomina-se *tato* justamente a percepção que informa à pele a sensação da superfície de um corpo.

Os sábios antigos de muitas religiões entendiam que se nós tivéssemos que comparar o espírito com algo que temos muito próximo do nosso corpo, isso deveria ser, sem dúvida, com a *respiração*. A vida é um suspiro, um sopro, uma respiração. Todas estas sentenças nos revelam quão importante era para eles a respiração. Isso justifica o legado etimológico de palavras que se referiam à respiração (em grego ‘psique’ e ‘pneuma’, em hebraico ‘rhuá’, em latim ‘anima’) e que foram tomadas para significar a vida no homem. Não é diferente em nossos dias. A respiração é importante e ainda hoje é por sua verificação que se confirma ou não a morte: se vida é respiração, morte é o seu cessar.

Apesar de tudo isso, o órgão que forma parte deste processo que é a respiração, o nariz, está em segundo plano em nossa literatura, se comparado com os demais sentidos. Só em literatura gastronômica e médica tem aparecido como protagonista. Além de formar parte de uma complexa estrutura, cuja função é a inspiração e a expiração do ar, a saber, a respiração, este órgão externo, o nariz, também é responsável por captar o *odor* que reveste o ar.

O odor é uma emanção volátil dos corpos que pode ser captada pelo olfato, produzindo nele uma sensação característica segundo tal emanção, que pode ser forte, suave, agradável, desagradável. Chama-se *olfato* a percepção que o nariz tem da sensação de uma emanção volátil característica dos corpos, o odor.

Se já dissemos que escutar é sábio, falar, ainda que nobre em si mesmo, não é necessário, senão só para comunicar a verdade. Do que não se pode falar é melhor calar! Isso, em outras palavras, já dizia um renomado filósofo de nosso tempo. O silêncio é uma virtude. Por isso, de falar poderemos nos equivocar e até arrepender-nos muitas vezes, mas nunca de calar, preservar o silêncio, como nos ensina um santo. Não é verdadeiro simploriamente dizer que ‘quem cala consente’.

O calar é às vezes pedagógico, quando não se pretende ensinar a verdade a quem não a compreenderá. Que a boca fale a verdade sempre para a pessoa certa, no momento certo e no lugar certo. Fora isso, pode-se vilipendiar a

verdade proferida, distorcida, falseada ou deslocada do contexto. A verdade é o que dá sabor ao falar.

O referido acima nos permite agora entender que o próprio da boca, este importante órgão do sentido externo, além de ser instrumento para a fala é o que propriamente capta o *sabor* das coisas, a ‘verdade’ das coisas. A boca por um lado fala a verdade e por outro capta o sabor, como uma verdade das coisas. O *sabor* é sensação que certas substâncias, enzimas exercem sobre o paladar, produzindo na língua a percepção do gosto dos corpos que lhe afetam, como doce, amargo, salgado, azedo e ácido. Portanto, o *paladar* é a sensação de algum sabor percebido pela boca como um gosto: a gustação.

Merece destaque um aspecto gastronômico da função fisiológica da boca: a alimentação. Muitos distúrbios do aparelho digestivo nascem do ‘vício’ da boca e dos outros sentidos, ligados à alimentação. A boca é o órgão responsável pela captação do sabor. O alimentar-se é reduzido, não raro, ao saborear e não ao nutrir-se. O requinte é um vício que elucida bem este fato. Há fome de sabores e não de alimentos.

Sem sombras de dúvidas é pela boca que se desenvolve uma grande gama de vícios da humanidade. Não me refiro ao vício do impropério, de falar o que não se deve, mas ao da gula e suas espécies. Falar desta sensação e não considerar sua dimensão moral é efetivamente não o colocar em seu devido lugar e importância, dentro do processo gnosiológico humano. Cada um dos cinco sentidos contribui para o processo gnosiológico não só a partir de suas funções fisiológicas, mas, sobretudo, em razão da dimensão moral que revestem a mesma.

É nesta perspectiva que a potência sensitiva corrobora para a formação dos sentimentos, sejam positivos ou negativos para a alma humana. E inseridas no contexto das paixões, as sensações contribuem, para além do que informam fisiologicamente, na formação da ação humana. Assim, a potência sensitiva mediante seus órgãos dos sentidos externos pode ser afetada pelos objetos sensíveis externos e padecer suas respectivas sensações: *visão*, *audição*, *tato*, *olfato* e *gustação*³⁷ e produzir mediante as mesmas paixões modelos de atuação em cada circunstância.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q. 78, a. 3, c.